

MÚSICA

24, 25 SETEMBRO 2015

# Camané

Infinito Presente

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Voz Camané **Guitarra portuguesa** José Manuel Neto **Viola** Carlos Manuel Proença  
**Contrabaixo** Paulo Paz **Cenografia** Rita Azevedo **Arranjos musicais** José Mário Branco  
**Técnico de som** Alfredo Almeida **Técnico de iluminação** Paulo Mendes

Qui 24, sex 25 de setembro

21h30 · Grande Auditório · Duração aprox. 1h15 · M6

## O tempo de Camané

Primeiro foi o “infinito presente” da gravação do CD com o mesmo nome, o mais recente de Camané e base do repertório dos seus dois concertos na Culturgest. Esse presente-passado entra na categoria «o que está feito, feito está», para utilizar palavras do próprio. *Infinito Presente*, o álbum, inspira nele a mesma inquietude que viveu em todas as anteriores edições – deixou de o ouvir o mais depressa que pôde porque estava sempre a encontrar-lhe defeitos. Como afirmou numa entrevista, sobre isto de fazer discos: «Não consigo ter paz ou encontrar uma satisfação. Busco o perfeccionismo, o que me impede de olhar para as coisas de forma tranquila.»

Agora que vai cantar ao vivo, outro “infinito presente” se anuncia, um presente que lhe agrada bastante mais: «O que eu gosto é de concertos e de andar na estrada. Sinto que estou a emendar erros». É um infinito presente mais breve, em que a própria efemeridade da situação performativa, atuante, traz consigo um enorme paradoxo: é no palco que todos os eventuais erros que ficaram registados (por mais que Camané seja o único a detetá-los!) têm finalmente uma resolução. No “para sempre” de um instante que logo passa, como um presente grávido de futuro.

Esta maneira de pensar o tempo é caracteristicamente portuguesa. Vivemos num infinito presente que carrega consigo tanto o passado como o futuro. Tudo o que é já foi quando consciencializamos o que experienciámos, ou seja, quando chega o “depois”.

A palavra fado refere-se à ideia de destino e este está longe de ser algo que foi previamente escrito por uma mão invisível. Para a ciência, é apenas um determinismo do acaso, do acidente, da entropia se quiserem. Se nos recordarmos do que cantou outra extraordinária voz, a de Nick Cave, em *The Boatman’s Call* («não acredito num Deus intervencionista»), para a música também.

Aquilo a que chamamos destino não passa de uma tentativa de racionalização do imenso campo de possibilidades que enfrentamos. O certo é que muito do que caracteriza o projeto *Infinito Presente* aconteceu por mera coincidência. Simplesmente, ocorreram pela mesma altura diversos fatores de que resultou o disco e de que resultam estes concertos. Um foi o facto de Camané ter finalmente ouvido uns fados do seu bisavô, José Júlio Paiva, e ter decidido criar as suas próprias versões. Outros foram a opção de introduzir os versos de um religioso do século XVIII, Frei António Chagas, num dos temas, e de utilizar as palavras (tiradas de *Os Dois Horizontes*) de um clássico da literatura brasileira como Machado de Assis. Quando se chegou à escolha do poema “Infinito Presente” de David Mourão-Ferreira estava encontrada uma temática geral. Tudo felizes casualidades, se bem que constituindo uma revelação de conceitos que pairavam pelo ar, mas não estavam claramente explicitados...

Ora, o tempo português é um dos dois tempos que os filósofos gregos antigos definiram: o *kairos*, que é o tempo qualitativo, o tempo que sentimos, não sequencial, opondo-se ao *chronos*,

o tempo do relógio. Por mais que os ponteiros dos bancos e das repartições de finanças nos imponham o tempo *chronos*, nós somos *kairosianos* até à medula. Em consequência, também o é o nosso fado. O que quer dizer que, diferentemente do coelho branco de Lewis Carroll em *Alice in Wonderland*, não só estamos sempre atrasados como estamos adiantados. Estar atrasado e adiantado em simultâneo é a nossa condição e talvez explique a angústia que muitas vezes transparece do fado. Mas não como habitualmente se imagina: Camané diz que os fados tristes o fazem sorrir e os alegres o põem a chorar. É mais isso, porque somos singulares.

O tempo *kairos*, o “tempo em flecha”, como é designado pelo físico Julian Barbour, não existe. Está apenas nas nossas cabeças. Mas nós existimos como existimos devido a esse tempo. Se este não existia, passou a existir e o fado comprova-o, ainda que tal implique surgir como a nossa particular mitologia. Pouco importa que nos venham assegurar que o coelho que salta não é o mesmo coelho que volta a pisar o solo, porque as moléculas atómicas que constituem a realidade estão em permanente mutação. Os atuais estudos do tempo referem que neste não há linearidade, fluxo, e sim uma rapidíssima interpolação de estados físicos, mas ser português desmente essa tese. De um modo original: não é o passado que entra no presente e o presente que se transforma em futuro; o presente inclui ambos em si mesmo. Mais: o presente lusitano é a soma do passado e do futuro. Só há presente: «Cantar fado é ir

buscar o que está lá atrás e trazê-lo para a frente.»

Houve outro idioma musical, nascido noutro ponto da Europa (as ilhas britânicas), que defendeu a continuidade do presente: o *punk*. O infinito presente dos portugueses, de Mourão-Ferreira e de Camané é outro. Como este já teve oportunidade de defender: «Na ideologia *punk* viver o presente tem outra interpretação. Já experimentei e não é isso... Já quis viver tudo no mesmo dia, mas não é assim que se vive o presente. É preciso fazê-lo um dia de cada vez.»

A comparação entre idiomas musicais faz todo o sentido. O mesmo Camané foi perentório em afirmar que o fado é como o rock: neste é necessário «ter aquela coisa rasgada do rock'n'roll». «A que é que chamamos hoje rock? A algo que vem de trás, porque ouvimos os Beatles, os Rolling Stones, aquelas guitarras elétricas...» E é igualmente como o jazz, e daí que músicos de jazz como Mário Laginha, Bernardo Sassetti e Carlos Bica tenham colaborado com o fadista: «O jazz também tem uma base, os seus *standards*, mas a partir daí vem a liberdade toda. É assim que eu vejo o fado.»

Pois o fado de Camané é uma construção, crescendo «a pouco-e-pouco». «Não sou pessoa de ficar agarrado a alguma coisa. O que está para vir é que interessa. Já fiz muito, mas o que me move é o que está ainda por fazer», sustenta. Esta ideia de continuação está, inclusive, muito viva no discurso do cantor e em expressões como «as coisas vão sempre acontecendo, mas têm acontecido mais agora» ou «tive

que ir melhorando», tal como foram reproduzidas pelos *media*. E traduziu-se em muitos títulos da sua discografia: *Na Linha da Vida, Pelo Dia Dentro, Como Sempre... Como Dantes, Sempre de Mim e Do Amor e dos Dias*. Isso torna Camané no grande representante do jeito português com que entendemos o tempo *kairos*. Há nele até, intuitivamente, aquela percepção sublinhada pelo filósofo existencialista Martin Heidegger de que não habitamos o tempo – somos o tempo. Este tipo de vivencialidade pode ter sido descoberto na velha Grécia, mas nenhum outro povo a fez tão sua como nós.

Não, o tempo não vai parar quando Camané subir ao palco principal da Culturgest. Mas vai parecer que ganha corpo: vamos vê-lo e ouvi-lo, e mesmo sem darmos conta seguiremos ao seu ritmo. O fado não é uma terapia, com certeza («ou não haveria psicólogos e psiquiatras», afiança o mais velho dos irmãos Moutinho, todos fadistas), mas tem um enorme poder de desvelamento. «Time is on my side, yes it is», poderia Mick Jagger trautear, ele que volta e meia vem a Portugal para se banhar nos nossos fluxos temporais...

Rui Eduardo Paes  
Crítico de música, ensaísta

## Sobre o álbum *Infinito Presente*

Aconteceu assim. Não foi planeado como celebração dos 20 anos do primeiro álbum, *Uma Noite de Fados*, dos 20 anos com José Mário Branco, dos 20 anos em que, ao sair das casas de fado, começou a afirmar-se como a mais importante voz masculina fadista chegada depois do 25 de abril. Não foi planeado, mas Camané e José Mário Branco não tardaram a perceber que uma temática vinha discretamente infiltrando-se nas suas escolhas, e de forma rasteira, daninha, se anunciava afinal demasiado presente para que pudesse ser ignorada: *Infinito Presente*, sétimo álbum de estúdio de Camané (que toma o título de empréstimo a um verso de David Mourão-Ferreira), está todo ele ancorado na ideia de tempo. A passagem do tempo, o tempo que é memória, o tempo em que vivemos.

*Infinito Presente* começou a ser preparado há 20 anos. Nada que ver com factos, mas sim com esta sonoridade que aqui encontramos e que é um contínuo, uma depuração permanente de uma ideia de fado que então começou a ser desenhada entre o fadista Camané, o produtor José Mário Branco e, progressivamente, a letrista Manuela de Freitas, e os músicos José Manuel Neto (guitarra portuguesa), Carlos Manuel Proença (viola de fado) e Carlos Bica (contrabaixo). Uma ideia profundamente enraizada no que há de mais tradicional no fado, numa voz que vai à frente a largar as palavras, a deixá-las pousar no sítio certo; e os instrumentos todos virados para a sua presença, limpando-lhe o caminho.

E este espaço criado para a voz deve-se ao facto de, como diz José Mário Branco, Camané ser “um intérprete excepcional, um talento”. “Tem uma voz bonita mas isso não interessa nada. De vozes bonitas estamos nós fartos e não nos dizem nada. O que interessa, sobretudo no caso de um fadista, é parecido com o teatro: a capacidade de o fadista ser verdade.”

Enquanto (quase) todos os cantores pensam em cada novo disco na forma de dar uma nova piroeta, fazendo da sua discografia uma montanha-russa de jogadas imprevisíveis e truques na manga, no percurso de Camané não há esse afã pela novidade. Em cada álbum há antes um encontro com essa voz cada vez mais funda na sua qualidade interpretativa e na relação com os que o rodeiam. Oiça-se a guitarra penetrante de José Manuel Neto em “Desastre”, a viola tentacular e finíssima de Carlos Manuel Proença em “Quatro Facas” ou o contrabaixo de Carlos Bica quase a cantar em “Aqui Está-se Sossegado” e “Triste Sorte”. Ou o modo como os três empurram Camané para a estarecedora interpretação de “Chega-se a Este Ponto”, canção de intensa atualidade, cujo título parece o resumo perfeito de toda esta prática de trabalho de refinamento constante de uma linguagem.

«Tratou-se [ao longo deste 20 anos] de criar uma sonoridade que tem que ver com a minha forma de estar no fado», explica Camané. «Por um lado, tentar nunca desvirtuar o lado do fado tradicional, mas tentando, de alguma maneira, criar uma determinada roupagem que faz sentido pelos poemas

que canto. Se olharmos para a história do fado, a forma como as coisas foram feitas também foi assim – de dentro para fora. É engraçado que as pessoas mesmo quando ouvem as introduções [da guitarra portuguesa] já percebem que é o meu trabalho. Sei que mais ninguém me conhece como intérprete como o Zé Mário. Isso dá-me uma confiança enorme e teve uma influência mesmo nos músicos que tocam comigo, a forma como tocam para mim.»

Os álbuns de Camané começam invariavelmente por um telefonema para José Mário Branco. O telefone toca nervoso e ansioso, Camané anuncia a sua vontade de gravar um novo conjunto de fados e depois é recebido em casa do seu produtor. «Ele vem cá a casa, conversamos sobre a vida, tentamos (eu e a Manuela [de Freitas]) perceber como está a vida dele, o que ele tem para dizer às pessoas e começa um primeiro trabalho de ideias de letras.» É nessa altura que começam os três a encostar o ouvido aos poemas, a perceber o que dizem as palavras e de que forma se encaixam naquilo que mexe com o fadista. Depois das escolhas intuitivas, o disco começa a clarificar-se e, de maneira pouco casual mas talvez não propositada, afirma-se uma direção temática.

«Gosto muito da ideia de um disco ter uma história, ter um tema que acontece mais», admite Camané. Foi o tempo que ganhou peso nas escolhas dos poemas de David Mourão-Ferreira – um *Equinócio* transformado em “Chega-se a Este Ponto”, um *Corpo Iluminado*, XII rebatizado “Infinito Presente” (em que

se canta que “passado e futuro não são nada / só o presente é infinito). Mas o tempo, num sentido de resistência aos anos e à sua capacidade de ser ressuscitado mais tarde, aparece igualmente na gravação de dois fados gravados há quase cem anos pelo bisavô de Camané, José Júlio Paiva. «São dois fados que descobrimos num disco de 1925», conta. «Havia um colecionador, o José Moças, que tinha o disco há imenso tempo mas não sabia que o José Júlio era meu bisavô. Um dia, num programa de televisão, disse o nome do meu bisavô e o Moças ligou-me logo a dizer que tinha o disco. Sabia que ele tinha gravado dois discos, mas não conhecia as músicas, nunca tinha sequer ouvido a voz dele.»

Também do inesgotável e riquíssimo baú de Alain Oulman surge ainda mais um inédito, “A Correr”, sobre o qual é aplicado um poema de Manuela de Freitas, de um tempo em fuga.

Mas se há passado nestas escolhas, *Infinito Presente* afirma um hoje com uma “Miriam” que é “uma espécie de Robin dos Bosques” que se passeia pelas mesmas ruas que percorremos diariamente e que “tenta angariar o máximo de coisas que são importantes para a vida das pessoas”. E que se liga fatalmente ao tal “Chega-se a Este Ponto”, poema tão passível de ser lido como um alarme romântico quanto o som da urgência que invade os nossos dias.

Em cada um dos 17 temas, em suma, abunda aquilo a que Camané chama “uma forma de chegar a casa”. E esse é o feito maior de *Infinito Presente* e destes 20 anos de parceria com José Mário Branco: a de chegarmos também a

Camané como se frequentássemos a sua casa, como se a sua casa fosse também a nossa.



## Camané

VOZ

Carlos Manuel Moutinho Paiva dos Santos, Camané, nasceu a 20 de dezembro de 1968 em Oeiras.

O seu primeiro contacto com o fado aconteceu um pouco por acaso, quando era muito pequeno. Durante a recuperação de uma doença, mergulhou na coleção de discos dos pais e descobriu os grandes fadistas de então: Amália Rodrigues, Fernando Maurício, Lucília do Carmo, Maria Teresa de Noronha, Alfredo Marceneiro, Carlos do Carmo e outros.

Participou na sua primeira Grande Noite do Fado em 1977, ainda não tinha feito 9 anos de idade. Em 1979 concorreu de novo e ganhou. Em consequência, gravou alguns discos (um deles produzido por António Chainho) e cantou diversas vezes em público. Aos 20 anos gravou o single *Ai que saudades*, para a MBP.

Atuou em diversas casas de fado e fez parte do elenco de produções dirigidas por Filipe La Féria como *Grande Noite*, *Maldita Cocaína* e *Cabaret*, onde se evidencia.

Em 1995 gravou *Uma Noite de Fados*, para a EMI, editora que acompanhou toda a carreira de Camané, só não publicando o mais recente álbum. Foi produtor deste como de todos os seus álbuns, José Mário Branco. Aldina Duarte colaborou em todos os discos até *Pelo Dia Dentro* (2001), recolhendo poemas e melodias do fado tradicional, acompanhando o trabalho de estúdio. O disco foi muito bem recebido, e a

crítica e o público renderam-se à sua voz, ao seu estilo, ao seu repertório. Apresentou-se por essa altura inúmeras vezes em Portugal, cantando também em França, Holanda, Itália e Espanha.

O início de 1998 foi marcado pela edição do novo trabalho *Na Linha da Vida* que mereceu atenção especial por parte dos meios de comunicação, consagrando em definitivo Camané como uma das vozes mais impressionantes do fado. O CD viria a constar das listas dos melhores discos desse ano.

Ainda em 98 realizou inúmeros espetáculos em Portugal – destacando-se as apresentações na Expo 98 –, participou em *De Sol a Lua – Flamenco e Fado*, no CCB, uma coprodução luso-espanhola, e em alguns festivais de música na Europa, como o Festival Tombées de La Nuit, em Rennes e o Festival Les Méditerranées à l'Européen em Paris. Em outubro, aquando da edição de *Na Linha da Vida* pela EMI holandesa e belga, realizou uma digressão por algumas localidades desses países. Depois de atuações em Espanha, participou no concerto comemorativo de 35 anos de carreira de Carlos do Carmo, no CCB. Em 1999 o *Na Linha da Vida* foi publicado na Coreia do Sul.

No início de 2000 foi editado em simultâneo na Bélgica, Holanda e Portugal o seu terceiro trabalho discográfico, *Esta Coisa da Alma*. Seguiu-se a digressão por algumas das mais importantes salas dos dois países do Norte, salientando-se duas noites esgotadas no Concertgebouw de Amsterdão e a participação no Festival de Bruges, para além de atuações em Espanha,

Suíça, Alemanha e França. Portugal não foi esquecido, passando, por exemplo, pelo CCB. *Esta Coisa da Alma* foi disco de prata (10 mil exemplares vendidos) e ganhou os prémios Blitz, Bordalo Pinheiro e Globo de Ouro.

O seu quarto CD, *Pelo Dia Adentro* (final de 2001) em três semanas alcançou o disco de prata. Como habitualmente, ao lançamento do álbum seguiram-se múltiplos concertos em Portugal e no estrangeiro (Holanda e Bélgica).

Em abril de 2002 participou num espetáculo concebido em conjunto com Manuela de Freitas em torno da obra de Fernando Pessoa, apresentado no Palais des Beaux Arts, em Bruxelas.

Nos primeiros meses de 2003 foi publicada uma compilação integrada na coleção “The Art Of” do catálogo Hemisphere que incluiu novas versões de temas do álbum *Uma Noite de Fados*. Saiu também o seu primeiro CD gravado ao vivo, *Camané – Como Sempre... Como Dantes*, disco de ouro que originou mais uma digressão nacional e pelo estrangeiro durante o ano de 2004.

Em resposta a um convite do Teatro São Luiz para uma série de espetáculos no Jardim de Inverno, Camané idealizou o projeto *Outras Canções*. Nos seis concertos que o integraram interpretou temas de grandes nomes da música portuguesa e brasileira, que constituem as suas referências nos diversos géneros musicais.

No final de 2005, foram editados os CDs *Humanos* e *Humanos Ao Vivo* (este também em DVD), um projeto que partilhou com outros músicos portugueses em homenagem a António Variações.

Ainda esse ano foi-lhe atribuído o Prémio Amália na categoria de melhor intérprete masculino de fado.

Em março de 2006 saiu o DVD *Ao vivo no S. Luiz* com o registo dos concertos que realizou no Teatro S. Luiz durante a digressão *Como Sempre...* Dos concertos de 2006, destaque para os dois que deu, a convite do Instituto Camões, na Feira Internacional do Livro em Turim e para o incluído no Festival de Helsínquia, um grande êxito de público e de crítica. Em Portugal, menciona-se o concerto que deu com Carlos do Carmo, junto à Torre de Belém, no âmbito do fecho das Festas da Cidade de Lisboa, com uma audiência de cerca de 20.000 pessoas.

Em 2007 realizou, no Teatro S. Luiz, a série *Outras Canções II*, com a participação da Orquestra Sinfónica de Lisboa, interpretando temas de Sinatra, Brel e Jobim, entre outros.

Depois de um ano rico em concertos tanto em Portugal como no estrangeiro, Camané editou, em abril, aquele que é o seu quinto disco de originais. *Sempre De Mim*, Disco de Ouro, entrou diretamente para o n.º 1 do Top Nacional de Vendas. A costumada digressão subseqüente levou-o aos Coliseus de Lisboa e Porto, pela primeira vez em nome próprio. No ano seguinte participou na Womex 2008, em Sevilha, a maior feira de *World Music* do Mundo. O concerto no Coliseu de Lisboa deu origem à edição do DVD *Camané ao Vivo no Coliseu – Sempre de Mim*.

Em março de 2009 foi nomeado para os Globos de Ouro na categoria Melhor Intérprete, e dois meses depois,

apresentou-se no Centro Cultural de Belém em duas noites esgotadas. Em *Carta Branca a Camané*, o fadista teve a seu lado Mário Laginha e a Orquestra Metropolitana de Lisboa e interpretou os seus fados de sempre com novos arranjos feitos pelo próprio Mário Laginha, José Mário Branco e pelo maestro Cesário Costa. Os seus espetáculos no estrangeiro estenderam-se por Argentina, Chile, Peru, Uruguai, França, Suíça, Bulgária, Polónia e Hungria.

O seu sexto disco de originais, *Do Amor e dos Dias*, teve edição em setembro de 2010. Composto por 18 temas e com arranjos e direção musical de José Mário Branco, entrou também diretamente para n.º 1 do Top Nacional de Vendas, onde se manteve por duas semanas consecutivas. A apresentação deste disco decorreu no CCB, com lotação esgotada.

Em 2011 Camané regressa ao São Luiz para apresentar uma série de quatro espetáculos baseados no CD do ano anterior, com a inclusão de temas distintos, de noite para noite, do repertório do universo fadista sobre a temática do amor e dos dias.

*Do Amor e dos Dias* recebeu o Prémio Amália como Melhor Álbum do Ano.

2011 foi também um ano de parcerias. Colaborou com os Dead Combo no disco *Lisboa Mulata* e com Fernando Alvim no disco *Os fados e as canções do Alvim*, participando na banda sonora do documentário de Miguel Gonçalves Mendes, *José e Pilar*. Em dezembro atuou na Brooklyn Academy of Music de Nova Iorque, num concerto elogiado pelo *New York Times*.

Em setembro de 2012 foi ao Festival Île-de-France para participar na homenagem a Cesária Évora, acompanhado pelos músicos da cantora cabo-verdiana e cantando um dueto com Nancy Vieira. Em outubro cantou pela primeira vez em Montreal, no Théâtre Maisonneuve, como sempre com grande sucesso de público e de crítica.

Prosseguindo nas colaborações com outros artistas, participou no CD de António Chainho *Entre Amigos*, no álbum *Rui Veloso & Amigos* e com Paulo de Carvalho no disco intitulado *Duetos de Lisboa*.

Juntamente com Vasco Graça Moura, recebeu o Prémio Europa – David Mourão-Ferreira, na categoria Mito, que visa galardoar a carreira de personalidades eminentes da cultura lusófona que se distingam no campo das letras e das artes. É atribuído pelo Centro Studi Lusofoni – Cátedra David Mourão-Ferreira da Universidade de Bari Aldo Moro e pelo Instituto Camões.

2013 foi um ano de reflexão. Camané fez uma viagem pela sua carreira, lançando em finais de abril o CD *O Melhor 1995-2013*, trabalho que reúne os grandes clássicos do seu percurso e alguns inéditos, com duas versões: uma edição especial e exclusiva para a FNAC, um CD duplo com 36 temas, e uma outra num só disco com 19 temas.

No CCB apresentou o seu *Melhor* num concerto de duas horas em que convidou Mário Laginha, Carlos Bica e os Dead Combo para partilharem consigo o palco. Em maio, *O Melhor 1995-2013* é também editado em Espanha antecipando o seu regresso aos

palcos da capital espanhola por ocasião da 3.ª Edição do Festival de Fado de Madrid no Teatro del Canal.

Depois de grande sucesso em Madrid, vai à Casa da Música e volta a Lisboa, agora ao Coliseu. Aqui rodeia-se de Carlos do Carmo, Aldina Duarte, Mário Laginha e Anna Maria Jopek, esgotando a lotação, como o fizera em 1998.

O ano de 2013 termina com mais uma colaboração, desta vez com Pedro Abrunhosa no seu álbum *Contramão*, editado no início de dezembro. Gravam em dueto o tema *Para os Braços da Minha Mãe*, que se tornou num êxito imediato, alvo de milhares de partilhas nas redes sociais.

Com o apoio do Montepio, Camané iniciou o ano de 2014 com uma digressão por quinze cidades portuguesas para dar a conhecer *O Melhor...*, invariavelmente esgotando as salas por onde passou. Pelo meio, atua em New Bedford, nos EUA.

À digressão nacional seguiu-se uma pela Europa: Holanda, Bélgica, Alemanha, Macedónia e Áustria, também com salas cheias e grande entusiasmo do público.

No início do presente ano, atuou pela primeira vez no México, no âmbito do Mérida Fest, na cidade de Mérida, na Turquia, nos EUA (New Bedford, New Jersey, São Francisco) e no Canadá (Toronto, Montreal, Vancouver). Em abril, lançou o seu novo álbum de originais, um CD duplo, *Infinito Presente*. Por muitos considerado o melhor disco de Camané, entrou diretamente para o 1.º lugar do Top Nacional de Vendas. Há cinco anos que não gravava um disco de originais.

Num dos programas de rádio mais populares do mundo, os Tiny Desk Concerts, da estação americana NPR, cantou alguns fados e impressionou a audiência.

Camané consegue reunir a unanimidade entre um público muito diverso e os críticos e jornalistas nacionais e estrangeiros, apesar de todas as diferenças entre eles. Camané faz parte do grupo restrito dos melhores fadistas de sempre.

(a partir da biografia publicada em [www.camane.com](http://www.camane.com))

### **José Manuel Neto** guitarra portuguesa

José Manuel Neto nasceu em Lisboa a 29 de outubro de 1972. Começou a tocar guitarra portuguesa com apenas 15 anos e destaca-se, entre os jovens intérpretes, como um dos instrumentistas mais requisitados no acompanhamento de fadistas, em espetáculos e gravações de discos.

Filho da fadista Deolinda Maria, José Manuel Neto cresceu em ambiente propício ao desenvolvimento do seu talento, tendo como referências os maiores nomes do universo fadista, caso de Carvalhinho, José Nunes, Jaime Santos e Fontes Rocha. Aprendeu ao lado de outros guitarristas e desenvolveu o seu estilo próprio marcado pela fluidez, versatilidade e simplicidade frásica que caracteriza a melhor música popular.

José Manuel Neto aprendeu a tocar guitarra portuguesa como autodidata e, na década de 1990, deu início ao seu

percurso profissional acompanhando diversos artistas nas casas de fado. Foi neste ambiente que a sua interpretação ganhou amadurecimento.

O guitarrista integra-se nesta “nova geração de instrumentistas de Fado com uma formação musical muito ampla, capaz de lhes permitir uma visão alargada do potencial dos seus instrumentos tanto no plano do repertório solístico como no das práticas de acompanhamento.” (cf. Rui Vieira Nery, *Para uma História do Fado*: 272).

O domínio musical que caracteriza o seu trabalho é reconhecido.

José Manuel Neto demonstra-o em palco e em edições discográficas com os mais diversos artistas mas é, evidentemente, no Fado que as suas prestações são mais numerosas.

Apesar de se ter iniciado no acompanhamento de fadistas, nas casas de fado, a sua colaboração com estes e outros artistas estendeu-se à apresentação em palco, realizando numerosas digressões em território nacional e estrangeiro, em espetáculos de grandes nomes do universo fadista como Carlos do Carmo, Camané, Mariza, Ana Moura, Aldina Duarte, Cristina Branco ou Mísia.

José Manuel Neto não tem ainda nenhum disco editado em nome próprio, mas tem apresentado espetáculos próprios. O primeiro decorreu em 2009, de título *O Som da Saudade*, onde interpretou melodias que tem vindo a compor ao longo dos anos, um conjunto de temas assente na música de raiz portuguesa onde se mistura o fado e a música tradicional, enriquecida de uma complexidade harmónica

que abre as portas ao improviso e às liberdades poéticas.

Em 2004 a Casa da Imprensa entregou-lhe o Prémio Francisco Carvalhinho, atribuído ao melhor instrumentista, durante o espetáculo da Grande Noite do Fado desse ano.

A Fundação Amália Rodrigues distinguiu-o em 2008 com o Prémio Melhor Instrumentista, reconhecendo-o como um dos grandes expoentes da interpretação da Guitarra Portuguesa.

### **Carlos Manuel Proença** viola

Carlos Manuel Proença nasceu em Lisboa a 26 de novembro de 1968. Filho da fadista Maria Amélia Proença, a oportunidade de tomar contacto com o meio fadista surgiu muito cedo e, naturalmente, foi nesse âmbito que revelou o seu talento de intérprete de viola de fado.

Ainda muito novo, Carlos Manuel Proença frequentou a Academia dos Amadores de Música, o que lhe proporcionou ter contacto com outras sonoridades, adquirir uma formação musical mais sólida e elevar o seu nível de execução como instrumentista.

É no universo fadista que Carlos Manuel Proença se tem destacado como intérprete de viola de fado e produtor musical, sendo o seu trabalho reconhecido entre os mais qualificados do género.

Carlos Manuel Proença, gravou com artistas tais como: Carlos do Carmo, Camané, Mariza, Ivan Lins, Mísia, Cristina Branco, Paulo de Carvalho,

António Zambujo, Aldina Duarte, Pedro Moutinho, Duarte e Mário Pacheco, entre muitos outros.

Carlos Manuel Proença tem atuado em alguns dos mais prestigiados palcos estrangeiros tais como o Festival da Guitarra de Córdoba, o Mitte Europa Festival em Munique, Philharmonie (Berlim), Alter Oper (Frankfurt), Festival de Jazz de Montreux, Teatro Gral. San Martín (Buenos Aires), Grande Cour d'Honneur du Palais des Papes Festival de Avignon, Konzerthaus (Viena), Berkeley Performance (Boston), Ravinia Jazz Festival Chicago, e muitos outros.

O ano de 2006 trouxe-lhe uma notoriedade ainda maior, quando a Casa da Imprensa lhe atribuiu o Prémio Francisco Carvalhinho, entregue durante o espetáculo da Grande Noite do Fado, considerando-o um instrumentista destacado na técnica e interpretação deste género musical.

A Fundação Amália Rodrigues distinguiu-o, durante a sua terceira Gala, em 2008, com o Prémio Melhor Instrumentista, reconhecendo-o como um dos grandes expoentes da interpretação da viola de fado.

Carlos Manuel Proença, produziu em 2011 o álbum de estreia da fadista Luísa Rocha (*Uma Noite de Amor*) tema do qual é também autor em parceria com o poeta Mário Rainho.

#### **Paulo Paz** contrabaixo

Paulo Paz nasceu em Lisboa, em 1964. Baixista/contrabaixista, frequenta o

Curso do Hot Clube nos finais dos anos 1980 e envolve-se em vários projetos e estilos musicais até finais dos anos 90, quando inicia uma atividade musical quase exclusivamente no género do Fado. Trabalha com vários artistas, dos quais se destaca Camané, com o qual mantém a colaboração até aos dias de hoje.

Paulo Paz também tem uma atividade regular no Clube de Fado.

#### Próximo espetáculo

## Mette Rasmussen

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

**Jazz Sáb 26 de setembro**

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6

**Saxofone alto** Mette Rasmussen

O seu nome acrescentou-se de forma natural ao conjunto de mulheres saxofonistas surgidas nos últimos anos na área do jazz, com destaque para Lotte Anker, Ingrid Laubrock, Christine Sehnaoui, Jessica Lurie e Maguelone Vidal. Dinamarquesa de origem, mas residente em Trondheim, na Noruega, Mette Rasmussen desmente todos aqueles que identificam o expressionismo da improvisação como algo de especificamente masculino. Na linha da “estética do grito” de Albert Ayler, mas entrando pelos domínios da música que troca o fraseado pela textura, Rasmussen tem como principal propósito explorar os limites físicos do saxofone alto, com ou sem preparações, e fazê-lo aproveitando a crueza natural do seu instrumento.

O seu grupo com Sam Andreae e David Meier, Trio Riot, surpreendeu pela forma como colou uma atitude *punk* ao jazz, incluindo os típicos *riffs*



© Peter Gannushkin

dessa área do rock, e muito aplaudidos têm sido os seus duos com Chris Corsano, Stale Liavik Solberg, Dennis Tyfus e o histórico Alan Silva, este não como contrabaixista, mas em sintetizador. O som de Mette é rouco mas extremamente fluido, fazendo um uso surpreendente das notas mais agudas, que utiliza com a frieza de uma faca, bem como dos mais inacreditáveis multifónicos. Uma vez pode parecer *free jazz*, mas em outras entra em território da mais despojada *noise music*.

No seu percurso teve já ocasião de tocar, para além dos mencionados, com músicos como Alan Wilkinson, Pat Thomas, Rudi Mahall, Tobias Delius, Wilbert De Joode e Axel Dorner. Falta ouvi-la na companhia de Mats Gustafsson, com quem é, mais mal do que bem, habitualmente comparada. Agora vamos tê-la a solo, formato que permite ouvir, sem distrações, tudo o que vem trazendo para a cena, e que é muito seu.

### Conselho de Administração

#### Presidente

Álvaro do Nascimento

#### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

#### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

#### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

#### Direção de Produção

Margarida Mota

#### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

#### Exposições

#### Coordenação de Produção

Mário Valente

#### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

#### Culturgest Porto

Susana Sameiro

### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

#### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

#### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

#### Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

#### Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

### Técnico Auxiliar

Vasco Branco

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

#### Receção

Sofia Fernandes

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

[culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---